

MENTIRA O ESPÍRITO SANTO OU ENGANAR A COMUNIDADE?

Superação como reconstrução da identidade em At 5,1-11

*Alfredo Rafael Belinato Barreto**

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo apresentar alguns aspectos fundamentais da identidade cristã primitiva, subjacente ao relato dos Atos dos Apóstolos. Para isso, busca-se contextualizar a teologia da história lucana no contexto da obra, apontando a influência exercida pela mesma sobre a idealização da comunidade jerosolimitana retratada nos cinco primeiros capítulos. Parte-se, portanto, da perspectiva, segundo a qual a história é regida pela providência. Ressalta-se a sensibilidade lucana em relação aos pobres e o papel da koinonia na configuração das relações. Sobre esse substrato teórico, encaminha-se a análise do episódio narrado em At 5,1-11, cujo enfoque principal consiste na violação da koinonia que conflui na inversão da identidade originária do cristianismo jerosolimitano. Estabelece-se, assim, a oposição entre teologia da ruptura, personificada na atitude de Ananias e Safira, e teologia da comunhão, evidente na atitude de Pedro e no conteúdo da perícopa lida em correlação com os capítulos imediatamente precedentes. Disso resulta que, na compreensão lucana, superar a crise é reconstruir a identidade cristã original sob o prisma da koinonia.

Palavras-chave: *Koinonia. Crise. Superação. Identidade. Reconstrução. Relações.*

Abstract

This article aims to show key aspects of early Christian identity, underlies the narrative of Acts. To this end, we seek to contextualize theology of history in the context of the Luke's narrative, pointing to the influence of this narrative on the idealization of community jerosolimitana portrayed in the first five chapters. We highlight the Luke sensitivity towards the poor and the role of koinonia in the configuration of relations. On this theoretical background, it is possible to direct the analysis of the episode narrated in Acts 5,1 to 11, whose main focus is the violation of koinonia which converges in reversing the origi-

* Mestrando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná.

nal identity of the jerosolimitan Christianity. It sets up the opposition between theology of rupture, personified on the attitude of Ananias and Sapphira, and theology of communion, evident in the attitude of Peter and the content of the pericope read in correlation with the immediately preceding chapters. It follows that, in the Lukan understanding, overcoming the crisis is to reconstruct the original Christian identity through the prism of koinonia.

Keywords: *Koinonia. Crisis. Overcoming. Identity. Reconstruction. Relations.*

Introdução

A dinâmica do retorno às fontes foi constante na história do cristianismo. Tanto nos momentos de fervor quanto nos de crise a reconstrução da identidade originária impôs-se como *conditio sine qua non* à sua permanência através dos reveses epocais. Ao estudioso da história cristã não é dado negligenciar os paradoxos, oscilações, contradições, crises e superações que, em seu conjunto, contribuíram para fomentar e burilar o verdadeiro perfil sociorreligioso do grupo sequaz de Jesus Cristo.

Do ponto de vista histórico, a doutrina cristã exerceu influência determinante sobre as categorias psicossociais dos grupos humanos nos quais penetrou. Imprimiu neles marcas indeléveis o suficiente para criar novos constructos teóricos e psicológicos, responsáveis pela constituição de paradigmas que podem ser avaliados como princípios arquetípicos localizados na gênese de civilizações, como é o caso do Ocidente cristão. Esse impacto histórico não foi desconsiderado nem mesmo pela crítica materialista mais dura. Sobre ele, o sociólogo marxista Karl Kautsky, na obra *A origem do cristianismo*, publicada em 1908, afirmou:

Qualquer que seja a atitude diante do cristianismo, não se pode deixar de considerá-lo um dos fenômenos mais importantes da história da humanidade... Assim, tudo o que possa contribuir para a compreensão desse colossal fenômeno e o estudo das origens dessa organização tem extrema importância, atualidade e significação prática¹.

Tendo em vista a premência dos estudos acerca do cristianismo, sobretudo, daqueles baseados sobre os estratos mais antigos de tradição agrupados nos escritos neotestamentários, o presente artigo se propõe analisar o encadeamento teológico-literário da crise descrita em At 5,1-11². Motivado pela conduta do ca-

1. KAUTSKY, K. *A origem do cristianismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 39.

2. As citações dos textos bíblicos são da Bíblia de Jerusalém. Todas as citações que não tiverem indicação do livro são dos Atos dos Apóstolos.

sal Ananias e Safira, o problema comunitário *ad intra*, ao mesmo tempo em que apregoa a ruptura da *koinonia*, apela para sua reabilitação enquanto restauração da identidade cristã originária.

Através da análise narrativa, apresentar-se-á uma hermenêutica do texto com base na leitura canônica dos Atos dos Apóstolos e nos pressupostos analíticos embasados por dados colhidos da exegese contextual. O aparato crítico será apoio valioso para a reconstrução do significado histórico de determinados vocábulos e expressões, importantes à clarificação da intenção do autor, ao inserir no relato esse episódio dramático e aparentemente discordante com seu modelo comunitário ideal.

1. Comunidade ideal nas origens do Cristianismo Jerosolimitano

1.1 Igreja nascente: a história conduzida pela providência

No livro dos Atos dos Apóstolos o cristianismo encontra descrição vívida e apaixonada dos acontecimentos situados em sua gênese. Lucas, a quem tradicionalmente se atribui a autoria da obra única Lucas-Atos³, apropriou-se de procedimentos, métodos e técnicas já em uso pela historiografia grega, com o objetivo de informar ao ilustre Teófilo (Lc 1,3), os fatos cumpridos historicamente e transmitidos mediante testemunhas oculares (Lc 1,1-2)⁴. A divisão entre o evangelho e os relatos relativos à primeira expansão cristã provavelmente foi efetuada em alguma data próxima ao ano 200.

O processo de divisão coincidiu com a querela marcionita e a conseqüente aceleração do processo de fixação do cânon neotestamentário⁵. Em contrapartida, o valor positivo da divisão se deve ao fato de ter enfatizado a originalidade do texto no conjunto dos escritos do Novo Testamento, cujo teor historiográfico prendeu a atenção dos leitores e estudiosos. Com os Atos dos Apóstolos, o cristianismo

3. Por volta de 180 o cânon de Muratori já atribui a Lucas a redação do terceiro evangelho e dos Atos dos Apóstolos (ROCHA, V. A canonização dos escritos apostólicos. *Revista de interpretação bíblica latino-americana*, Petrópolis, n. 43, fev./mar. 2002, p. 62). Na mesma linha segue o testemunho de Santo Irineu (†202): “Por sua parte, Lucas, o companheiro de Paulo, punha num livro o evangelho pregado por ele” (*Ad. Haer.* 3,1.1). Tertuliano, Clemente de Alexandria e Orígenes são da mesma opinião. Embora tardiamente, São Jerônimo (†420) informa que Lucas era médico antioqueno, companheiro de Paulo e autor do evangelho (cf. *De viris illustribus*, 401).

4. ECHEGARAY, J.G. *Los Hechos de los Apóstoles y el mundo romano*. Navarra: Verbo Divino, 2002, p. 19-20.

5. Segundo B. Aland, “Marcião não desejava ser o fundador de uma nova igreja, um inovador e nem mesmo um profeta, mas pregar em sua pureza a mensagem genuína e original de Jesus, que considerava ter sido profundamente alterada pela igreja de seu tempo” (ALAND apud BERNARDINO, A. (Org.). *Dicionário de patrística e antiguidades cristãs*, São Paulo: Paulus, 2002, p. 881). Em decorrência de sua inspiração gnóstica, Marcião foi levado a rejeitar o Antigo Testamento e partes do Novo em uso na Igreja. Por outro lado, documentos antigos asseveram a tendência eclesiástica em definir os livros inspirados opondo-os à produção herética. De acordo com Alves, dos primeiros cinco séculos chegaram até o presente os seguintes documentos (ALVES, H. *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*. Fátima: Difusora Bíblica, 2011, p. 94-111): Cânon de Muratori (160-170), Catálogo do códice de Clermont (séc. IV), Cânon de São Cirilo de Jerusalém (séc. IV), Cânon do concílio de Laodiceia (360), Cânon de Santo Atanásio (367), Cânon do concílio de Roma (382), Cânon do concílio de Hipona (393), Cânon do III concílio de Cartago (397), Cânon do Papa Inocêncio I (405), Sinopse da Sagrada Escritura (fim do séc. V).

tornou-se culturalmente consorte de outros movimentos e organizações da antiguidade greco-romana, também eles atrelados à recordação de seus primórdios (*aurea aetas*), através dos relatos historiográficos. Nessa perspectiva inscreve-se a produção literária de autores como Heródoto, Tucídides, Políbio, Tito Lívio e outros.

As possíveis aproximações entre os Atos dos Apóstolos e as obras clássicas da historiografia greco-romana contribuem para clarificar o salto qualitativo identificado na produção literária do cristianismo nascente. Contudo, isso não elimina as discussões acerca do gênero literário. Segundo Marguerat, a problemática continua insolúvel em virtude da “ausência de uma analogia satisfatória na literatura antiga”⁶. A semelhança em matéria de estilo e metodologia não permite a Lucas negligenciar o caráter teológico de sua historiografia. Nesse propósito, reinterpretará a história dos primeiros movimentos cristãos desenvolvidos pelo mundo mediterrâneo sob o prisma da *providência*. Com efeito, esse é conceito-chave à compreensão da historiografia teológica lucana, pois para o autor é Deus quem rege a história.

Interpretando essa perspectiva histórica providencial, Marguerat faz a seguinte observação:

Chegando ao fim dos Atos, o leitor só pode concluir que a *pronoia* [presciência] divina é constante. Deus salva os seus, sempre, mesmo nos perigos extremos que são a conspiração, a ameaça da morte ou a tempestade. O fracasso das testemunhas aflige, mas é um *fracasso providencial*, pois é a causa da extensão de seu campo missionário (8,1-4; 16,6-10; 25,11)⁷.

Conclui-se, assim, que a fluência do relato lucano em si mesmo, da forma em que é apresentado ao leitor, já cumpre primordial função catequética. A radicação divina dos fatos narrados sinaliza a intenção literária de envolver o destinatário na pedagogia cristã do Deus providente. Asseverando esta ideia teológica, o relato evidencia que, subjacente aos estratos mais antigos do cristianismo, repousa a desautorização da concepção histórica sob viés fatalista. A providência de Deus, tipificada no sucesso da missão apostólica, suplanta o fatalismo, permitindo a Lucas apresentar altaneira e promissoramente a expansão cristã pelo mundo mediterrâneo.

Depõe a favor desta tese o uso abundante de verbos no imperfeito para descrever o crescimento da Palavra e da Igreja (2,47b; 5,14.42; 6,7; 8,6; 9,31; 11,21; 12,24; 16,5; 19,20). A coextensividade entre o crescimento da Palavra e o da Igreja pode ser testificado pelo emprego do verbo “multiplicar / crescer” (*plethyno*) em referência a ambos os casos⁸. Cumpre notar, porém, que, no entender lucano, a Igreja que se desenvolve é aquela cuja origem e núcleo está em Jerusalém (cap. 1–5). Trata-se do modelo comunitário ideal, aglutinação dos elementos teológicos identitários que asseguram a própria autenticidade do cristianismo.

6. MARGUERAT, D. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2003, p. 38.

7. MARGUERAT, *A primeira história do cristianismo*, p. 49.

8. MARGUERAT, *A primeira história do cristianismo*, p. 48.

1.2 Comunidade dos pobres e da comunhão

A visão positiva de Lucas acerca do cristianismo nascente torna-se particularmente manifesta no perfil descritivo da protocomunidade jerosolimitana, compaginado nos sumários maiores que ritmam e conferem unidade a At 2-5⁹. Ao que parece, a apresentação idealizada dos primeiros dias do cristianismo de Jerusalém norteia-se, internamente, por dois paradigmas fundamentais: os pobres e a *koinonia* (comunhão). Esta última está orientada para os primeiros, e é o fator determinante à compreensão do delito praticado por Ananias e Safira em At 5,1-11. Sob a ótica lucana, a violação da *koinonia* atinge o coração da práxis cristã, minando as relações internas baseadas na novidade proposta pelo Evangelho.

Em contrapartida, entendida como *background* da eclesiologia lucana, a *koinonia* está intrinsecamente relacionada com a temática da pobreza. Lucas é deveras sensível a esta realidade, em sua época, dividida pela grande massa populacional do Império Romano. Com efeito, a compassiva atenção de Jesus para com os pobres é constante no evangelho (Lc 4,18; 5,12-14.17-25; 6,20b; 7,11-17; 8,26-39; 8,43-48; 9,37-43; 13,10-13; 14,1-6; 14,13.21; 16,20.22; 17,11-19; 18,22.35-43; 19,8; 21,3), desdobrando-se, posteriormente, na atuação apostólica relatada em Atos (3,1-10; 5,15-16; 8,7; 9,32-35; 14,8-10; 16,16-18).

Ortensio da Spinetoli em sua obra específica sobre o tema, intitulada *Luca, Il vangelo dei poveri*, editada pela primeira vez em 1982, observa que, na acepção lucana, o pobre é classificado a partir do vasto âmbito de condições vitais e sociais, nos quais determinada pessoa se encontrava. Destaca Spinetoli que “os ‘pobres’ são uma designação global, que abarca os cegos, os doentes, os inválidos, as viúvas, os aflitos, os excluídos, isto é, os samaritanos e os leprosos, todos chamados a ocupar ou a receber os primeiros lugares no reino”¹⁰.

Ao que parece, o alargamento teológico do conceito “pobreza” operado por Lucas visa situar, social e antropológicamente, a rede de relações a serem estabelecidas e conservadas no interior da comunidade cristã. Interpretando-se retroativamente a tradição evangélica através do modelo comunitário ideal transparente em Atos, é possível perceber a influência normativa que a ação de Jesus em favor dos pobres exerceu sobre o modelo societário cristão das origens.

Essa proposta analítica é corroborada por uma importante distinção semântica, relativa ao uso lucano do vocábulo “pobre”. No grego *koiné*, língua mãe dos textos neotestamentários, a pobreza era expressa por termos como *penía*, *endeia* e *aporía*. Pobre, por sua vez, podia ser dito mediante os vocábulos *endeés*, *penes*, *etos* e *ptochós*. No caso da tradição lucana, importância capital desempenhou o termo *ptochós*. Por isso, é justo estabelecer diferenciações que asseverem sua originalidade em relação aos demais conceitos e o teor sintomático daqueles que são enquadrados entre os *ptochói*.

9. DUPONT, J. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974, p. 41.

10. PINETOLI, O. *Luca: Il vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella, 1986, p. 35.

À base da pirâmide social do mundo conhecido pelo cristianismo nascente situavam-se, primeiramente, os relativamente pobres – *pénetes* –, cujo *status* social os obrigava a “trabalhar arduamente (e, muitas vezes, também executar atividades insalubres), para suprir a si e a suas famílias com o mínimo necessário à vida”¹¹. A situação desta parcela da população foi notada também por escritores antigos como Luciano de Samósata, Filóstrato, Apuleio e Dion de Prusa. É deste último, em sua *Or* 7,105s., a impactante descrição da condição dos *pénetes*: “Para esses pobres certamente não é fácil achar trabalho nas cidades; eles dependem de recursos alheios quando moram em aluguel e têm de comprar tudo, não só vestes e utensílios domésticos e comida, mas até a lenha para o consumo diário”¹².

Mais precária se apresentava a condição dos situados entre os absolutamente pobres – *ptochói*. Para estes não era garantida nem mesmo a satisfação das necessidades básicas. Acerca da pobreza absoluta na época do cristianismo nascente, Stegemann-Stegemann sugerem a seguinte definição:

O adjetivo grego *ptochós* designa, em princípio, a seguinte situação das pessoas pobres: elas têm fome e sede, vestem apenas farrapos, encontram-se desprovidas de moradia e esperança. Dependem da ajuda de outros para o indispensável à vida, obtendo-o, por exemplo, mediante a mendicância. Além dos mendigos, incluíam-se entre eles frequentemente viúvas e órfãos, mas também doentes crônicos e portadores de deficiência, como cegos, paralíticos, leprosos¹³.

A aproximação entre as categorias individuais incluídas no grupo dos *ptochói* e os destinatários da pregação e da ação curativa de Jesus e dos apóstolos, mostra que estão majoritariamente concentrados neste segmento da pirâmide social da civilização mediterrânea do séc. I. Percorrendo o evangelho de Lucas, identifica-se o emprego do vocábulo *ptochós/ptochói* por nove vezes (Lc 4,18; 6,20b; 14,13.21; 16,20.22; 18,22; 19,8; 21,3). Nos Atos dos Apóstolos os *ptochói* não são mencionados explicitamente, no entanto, a situação de diversos destinatários da ação apostólica os situa, incontestavelmente, na classe dos absolutamente pobres.

A sensibilidade lucana pela pobreza exerceu influência determinante na descrição idealizada da protocomunidade de Jerusalém. Não passa despercebido ao leitor dos cinco primeiros capítulos dos Atos dos Apóstolos que, para Lucas, a melhor definição da comunidade primitiva é dada pela palavra *koinonia* (comunhão). Embora seja citada apenas em 2,42, a *koinonia* impõe-se como princípio interno de constituição e de regulação das relações novas a serem cultivadas pelos cristãos. Nela, o cristianismo encontra, do ponto de vista social, a garantia de autenticidade na vivência da fé em sua concretude.

11. STEGEMANN, E.; STEGEMANN, W. *História social do protocristianismo*: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo. São Paulo: Paulus, 2004, p. 113.

12. STEGEMANN; STEGEMANN, *História social do protocristianismo*, p. 113.

13. STEGEMANN; STEGEMANN, *História social do protocristianismo*, p. 114.

A *koinonia* está entre os quatro níveis da perseverança cristã assinalados em At 2,42. É explicitada pela evocação da perfeita unanimidade vivida pelos cristãos mediante o uso do vocábulo “unânime” (*homothymadon*: 1,14; 2,46; 4,24; 5,12). Tem seu desdobramento na expressão ‘*apanta koiná*, indicação de que os membros da comunidade tinham “tudo em comum” (2,44; 4,32b). Além de enfatizar a importância capital da *koinonia* para a narrativa, essas aproximações de ordem semântica conferem sentido à prática concreta dos cristãos. Diz-se que as propriedades eram vendidas e divididas entre os necessitados (2,45; 4,34b), partiam o pão pelas casas (2,46) e não havia necessitados entre eles (4,34a).

A construção literária de At 2–5, referente à comunidade jerosolimitana, deixa entrever que, segundo a concepção lucana, o cristianismo deveria tratar a pobreza de forma diferenciada. Não se trata de teorizar uma “piedade dos pobres” em linguagem doutrinária, mas de reconstruir as relações sob o prisma da igualdade proveniente da caridade fraterna legada por Jesus Cristo. Sobre o posicionamento de Lucas em relação aos pobres em sua descrição da comunidade ideal, Schneider destaca que “provavelmente ele conhece a promessa de Dt 15,4, segundo a qual na comunidade (messiânica) não haverá mais pobres”¹⁴. Com efeito, At 4,34a transpõe, quase que literalmente Dt 15,4 na versão grega da Septuaginta.

A aplicação desta promessa deuteronomica à comunidade cristã revela um aspecto fundamental da consciência que o cristianismo desenvolveu de si mesmo enquanto grupo religioso. Para Dupont, “conscientes de constituírem a comunidade messiânica do fim dos tempos, os cristãos não deviam hesitar em aplicar a si mesmos a promessa. O fato de não haver pobres entre eles reveste assim valor de sinal”¹⁵. Em primeiro lugar, sinal do cumprimento das antigas profecias messiânicas, conforme a interpretação teológica subjacente aos discursos exortativos e missionários (2,14-36; 3,12-26; 7,1-53; 10,34-43; 13,16b-41).

Em segundo lugar, sinal da nova forma de constituir comunidade sob a égide da *koinonia*. A identidade comunitária do cristianismo descrito por Lucas se identifica com a *koinonia* de tal forma que, qualquer atitude ou crime que a coloque em risco, está atentando contra a própria integridade do ser cristão nos primeiros dias da Igreja. Nisso consiste a chave hermenêutica que possibilita compreender a culpa de Ananias e Safira em At 5,1-11, bem como a severa punição que a seguiu.

2. Ananias e Safira – Uma teologia da ruptura

2.1 Divisão do texto e análise de vocabulário

O relato de At 5,1-11 está situado entre dois sumários maiores descritivos da vida comunitária jerosolimitana. At 4,32-35, cujo tema é a comunhão de bens nos

14. SCHNEIDER, G. *Gli Atti degli Apostoli*. Brescia: Paideia Editrice, 1985. V. 1, p. 407.

15. DUPONT, *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*, p. 510.

primeiros dias do cristianismo, e At 5,12-16, com a retomada incisiva do papel apostólico, já pontuado em 2,43 e 4,33. O caso relacionado ao casal é imediatamente precedido pelo breve perfil biográfico de Barnabé, apresentado em 4,36-37. Com isso, Lucas tipificou a *koinonia* defendida nas narrativas sumárias (2,42-47; 4,32-35; 5,12-16), pois Barnabé põe em ato o núcleo central constitutivo da identidade cristã na dimensão interna (*ad intra*) da rede de relações, estabelecidas em virtude da adesão fiducial (2,44; 4.32a; 5,14).

A relação de Barnabé com sua propriedade se desenvolve através de três ações retomadas de 4,34b: vendeu, trouxe o dinheiro, depositou-o aos pés dos apóstolos. Dá-se assim a personificação do ideal da *koinonia* em seu sentido material¹⁶. Com Ananias e Safira acontece o contrário, já que sua conduta seguirá caminho inverso à generosidade de Barnabé. Neste caso, a *koinonia* é ameaçada pelo plano interesseiro do casal sob traços de pseudogenerosidade. Lucas constrói o relato em duplicata, alternando ação, denúncia e consequência:

Cena 1

5,1-2 – ação: conduta de Ananias e Safira.

5,3-4 – denúncia de Pedro.

5,5-6 – consequências: morte instantânea e sepultura de Ananias; temor à Igreja.

Cena 2

5,7-8 – confirmação da conduta por Safira.

5,9 – denúncia de Pedro.

5,10-11 – consequências: morte instantânea e sepultura de Safira; temor à Igreja.

No conjunto de At 2–5, o relato em questão é diretamente centrado no modelo comunitário ideal, estabelecido por Lucas, como paradigma fundamental à constituição da identidade cristã primitiva. Diante disso, é sintomático o caráter de crise que o reveste, corroborado pela firme desaprovação de Pedro e pelas duras consequências seguidas. A conduta do casal demarca um retrocesso na marcha da história cristã conduzida pela providência. Dá-se, assim, a ruptura do paradigma comunitário ideal a partir de uma situação originada no interior mesmo do grupo cristão.

Essa ruptura torna-se ainda mais evidente, quando se considera o vocabulário econômico que interliga o sumário de At 4,32-35, a cena relativa a Barnabé (4,36-37) e a conduta de Ananias e Safira, respectivamente (5,1-11). A unidade do vocabulário utilizado compõe o seguinte inventário:

a) *Poleo* (vender) – 4,34.37; 5,1;

b) *Pros tous podas tonapóstolon* (aos pés dos apóstolos) – 4,35.37; 5,2;

16. MENOUD, P. *La vie de l'Église naissante*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1952, p. 32.

- c) *Chorion* (campo) – 4,34; 5,3.8;
- d) *Fero* (levar, portar) – 4,34.37; 5,2;
- e) *Timé* (preço) – 4,34; 5,2.

Considerando a recorrência do vocabulário econômico, que é, de *per si*, indicação da implicância prática do relato sobre a convivência comunitária, é possível entrever o raio de alcance da crise sinalizada pela conduta do casal. Apoiando-se na unidade semântica e na continuidade narrativa entre a comunhão de bens apresentada em 4,32-35, a generosidade de Barnabé (4,36-37) e a crise de 5,1-11, Marguerat pontua: “depois do sumário, que apresenta (no tempo verbal do imperfeito, da duração) o princípio da partilha dos bens entre os primeiros cristãos, as duas cenas (redigidas no aoristo) concretizam cada qual uma aplicação do princípio da partilha”¹⁷.

No caso de At 5,1-11 o princípio da partilha, até então nota prototípica dos cristãos jerosolimitanos, dá margem ao primeiro conflito de ordem interna na história do cristianismo nascente. As hostilidades por parte de grupos externos já haviam sido registradas por Lucas a partir do capítulo 3, motivadas pela cura do paralítico da Porta Formosa. Com Ananias e Safira eclode a instabilidade interna, colocando em risco a sobrevivência da prática cristã genuína identificada com a *koinonia*. Portanto, o *background* teológico do texto parece ser a ruptura, que estabelece descontinuidade entre a generosidade compreendida e vivida pelos primeiros cristãos, e sua manipulação em favor de interesses particulares.

2.2 Teologia da ruptura X teologia da comunhão

A apreciação da crise desencadeada pela conduta de Ananias e Safira sugere o tipo de rejeição que pode ser denominada “teologia da ruptura”. Em primeiro lugar, o casal rompe com a comunidade ao desfigurar o ideal da *koinonia*. Instaure-se uma ideologia individualista que, deliberada e ocultamente (5,2), destrói a intencionalidade prévia da abnegação e partilha que solidificava a vivência da comunhão entre os primeiros cristãos. Para eles, a comunhão de bens significava algo mais que mera filantropia à moda greco-romana¹⁸, pois motivada pela fé em Cristo, capaz de gerar e nutrir relações novas entre os crentes.

A ruptura com a comunidade atinge a importante figura dos apóstolos. “Levando, depois, uma parte, depositou-a aos pés dos apóstolos” (5,2b). Para a sensibilidade lucana, esse gesto tornara-se sinônimo da generosidade maximamente vivida e experimentada pelo crente. Nele se consuma a apoteose da *koinonia* como expressão dos seus efeitos historicamente sentidos. Para Marshal, “colocar o dinheiro aos pés

17. MARGUERAT, *A primeira história do cristianismo*, p. 181.

18. O ideal da comunhão de bens já aparece em autores pré-cristãos como: Platão (*Crítias*, 110; *República*, V, 462c), Aristóteles (*Ética a Nicômaco*, IX, 1159b; 1168b), Cícero (*Sobre a amizade*, 21,81; 25,92).

dos apóstolos significa que foi dado em custódia, e não como presente pessoal a eles”¹⁹. Os estratos de tradições recolhidos nos Atos demonstram que a figura apostólica é marca determinante do cristianismo originário. Na qualidade de testemunhas autorizadas da vida e missão de Jesus Cristo, anunciam o querigma (2,22-24; 3,13-18; 10,37-43; 13,27-31), e ensinam acerca do mistério cristão²⁰. Neste ensinamento os crentes eram perseverantes (2,42).

Além de excluir-se da rede de relações que comporta e define a comunidade cristã entre si e com os apóstolos²¹, com seu ato, Ananias e Safira apartam-se também da convivência com Deus. A repreensão de Pedro esclarece que o pecado do casal consistiu em ter mentido a Deus (5,4). O papel da comunidade na construção do relato mostra que, segundo a eclesiologia de Lucas, ela é o *sitz im leben* da atuação de Deus. Consequentemente, um ato deliberado contra a comunidade, traduz-se, em última instância, como ofensa ao próprio Deus que nela age e conduz.

A tutela divina sobre a comunidade torna-se ainda mais enfática, quando o texto interpreta o ato como mentira e tentação ao Espírito Santo (5,3.9). Nota característica da pneumatologia dos Atos é o papel do Espírito enquanto garantia da unidade e crescimento da Igreja. O rico vocabulário quantitativo²² que se sucede a partir do acontecimento de Pentecostes (2,1-13) ilustra bem a função “multiplicadora” desempenhada pelo Espírito. Sendo assim, ao lado da sacralidade da comunidade, aparece o apelo para a conservação da união entre seus membros, ameaçada pelo rompimento da *koinonia*.

O fim trágico e repentino dos culpados (5,5a.10a) reproduz o modo comum de descrever a sorte perversa dos que se opõem à expansão e integridade da comunidade cristã e da fé em seu Deus. Recorde-se, por exemplo, o relato da morte de Judas (1,18-19), a morte cruel de Herodes Agripa (12,20-23) e a cegueira imputada como castigo ao mago Elimas (13,11). A simultaneidade entre a sentença verbal de Pedro (5,4) e a morte de Ananias (5,5) é interposta por Lucas com o emprego do participio presente *akouon* (ao ouvir)²³. A compreensão teológica subjacente é aquela do juízo de Deus, em vista da edificação de todos os membros da comunidade²⁴.

A crise, desencadeada pelo procedimento do casal, alcança superação na atitude comunitária diante do fato. Esta é descrita mediante o termo *fóbos mégas* (grande temor – 5,5.11), recorrente também em 2,43 e 19,17. Para Fitzmyer, entre os signifi-

19. MARSHAL, H. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Vida Nova, 2011, p. 109.

20. DODD, *La predicazione apostolica e il suo sviluppo*. Brescia: Paideia Editrice, 1978, p. 11.

21. DUPONT, J. L'union entre les premiers chrétiens dans les Actes des Apôtres. *Nouvelle Revue Théologique*, Paris, v. 91, n. 9, nov. 1969, p. 33.

22. *Plethos* (multidão): 2,6; 4,32; 5,14.16; 6,2.5; *polús* (muitos): 1,3; 2,40.43; 4,4.17.22; 5,12; 6,7; *plethúno* (aumentar): 6,1-7; 7,17; *prostíthemi* (ajuntar): 2,41.47; 5,14; *mégas* (grande): 2,20; 4,33a.33b; 5,5.11; 6,8; 7,11.57.60.

23. FITZMYER, J. *Los Hechos de los Apóstoles*. Salamanca: Sígueme, 2003, p. 440.

24. FITZMYER, *Los Hechos de los Apóstoles*, p. 440.

cados que *fóbos* possui para a teologia lucana, está o do temor religioso como manifestação do divino²⁵. Ao que parece, esse é o sentido desempenhado por ele em 5,1-11.

No âmbito da superação, merece destaque o v. 11: “Sobreveio, então, grande temor à Igreja inteira e a todos os que tiveram notícia destes fatos”. É a primeira vez que o grupo cristão de Jerusalém é denominado *Ekklesia*, designação própria, com a qual ele será constantemente definido²⁶. O termo já era familiar ao entorno judaico circundante, pois traduz para o grego o hebraico *qahal*, designação veterotestamentária da assembleia dos israelitas durante o êxodo. Anteriormente, os cristãos haviam sido identificados como os “irmãos” (1,15) e “os crentes” (2,44; 4,32). Prosseguindo com o relato, serão chamados “os discípulos” (6,1), os “santos” (9,13) e “cristãos” (11,26).

Schneider chama a atenção para a intenção precisa de Lucas ao utilizar aqui o vocábulo *Ekklesia*. Com ele é designada a comunidade de Jerusalém, “pois em Atos *ekklesia* é, sobretudo, a comunidade cristã local e só muito raramente – na boca de Paulo (At 20,28) – a ‘igreja’ universal”²⁷. Por fim, o sumário de 5,12-16 sintetiza, didaticamente, os passos e os efeitos da superação enquanto reconstrução da identidade socioreligiosa da comunidade cristã jerosolimitana.

3. Superar é reconstruir a identidade

Insistiu-se anteriormente que, em perspectiva lucana, a *koinonia* é a realidade que melhor descreve o ideal originário de comunidade cristã. A importância dessa ideia teológica ficou patente através das informações contidas nos sumários maiores descritivos da vida cristã em Jerusalém nos primeiros dias do cristianismo. Esse, portanto, impôs-se como princípio interpretativo ao procedimento do casal Ananias e Safira. Deste modo, seu pecado, classificado como mentira a Deus e ao Espírito Santo, adquiriu feições marcadamente sociais, uma vez que subverte o valor primordial que confere coesão e identidade ao grupo dos crentes.

Os dados fornecidos por At 5,12-16 informam ao leitor um quadro contraído da vivência cristã exposta nos capítulos precedentes. Após confrontar-se com a dramática narrativa de 5,1-11, o leitor é reenviado à imagem altaneira da comunidade que cresce unânime e unida aos apóstolos. As notícias do sumário podem ser assim agrupadas por temas-chave e cotejadas com os sumários anteriores:

- a) 5,12a.15-16 – ação taumatúrgica dos apóstolos (2,43; 4,33a);
- b) 5,12b – unidade comunitária (2,44.46; 4,32);
- c) 5,13 – imagem positiva da comunidade cristã diante do povo (2,47a; 4,33b);
- d) 5,14 – crescimento da comunidade (2,47b).

25. FITZMYER, *Los Hechos de los Apóstoles*, p. 368.

26. BOUDOU, A. *Atti degli Apostoli*. Roma: Studium, 1957, p. 103.

27. SCHNEIDER, *Gli Atti degli Apostoli*, p. 407.

Resulta evidente que, tendo relatado o fato negativo ocorrido no interior do grupo, Lucas lhe opõe, ainda que sutilmente, o conjunto de ideias contrárias àquelas delineadas pela conduta do casal. Identifica-se, por exemplo, a ênfase na autoridade apostólica, contra o propositado engano de Pedro. A união entre os crentes, contrastando com a ruptura ocasionada pelo egoísmo. Gozam de bela imagem e são engrandecidos pelo povo, diversamente do casal que, buscando manter a generosidade aparente, incorreram num crime digno de punição. Por fim, a comunidade que cresce, apesar da morte repentina de dois de seus membros.

Ainda sobre o aumento da primitiva Igreja jerosolimitana, é possível entrever outro movimento antagônico como resposta à crise anterior. Em At 5,11, lê-se que “sobreveio então grande temor à Igreja inteira e a todos os que tiveram notícias destes fatos”. Em 5,16, está registrada outra notícia envolvendo regiões situadas no entorno geográfico de Jerusalém. Diz-se que “também das cidades vizinhas de Jerusalém acorria a multidão, trazendo enfermos e atormentados por espíritos impuros, os quais eram todos curados”. Duas informações evocando a presença do cristianismo no domínio público. Do ponto de vista literário, a primeira parece ordenar-se para a segunda. É interessante notar que, em 5,11, os fatos saem de Jerusalém, antecipando o movimento inverso da entrada dos que estão fora, em virtude do papel desempenhado pelo grupo cristão ali residente.

Reconstruir a identidade, portanto, é o meio empregado no intuito de preencher a lacuna aberta pelo procedimento incongruente do casal Ananias e Safira. Para isso, são resgatados os valores primordiais constitutivos da identidade cristã esboçados nos capítulos precedentes, cujo epicentro é a *koinonia*. Esta será retomada com força pela literatura intertestamentária de fins do I século. Testemunham essa revalorização da *koinonia* e das dimensões que a envolvem as cartas de Pedro e o enfoque cristão sobre a situação dos pobres transparente na carta de Tiago. Presumivelmente, mudanças socioculturais no ambiente originário do cristianismo exigiram que se regressasse ao ideal de sua *aurea aetas*²⁸.

Da mesma forma, a literatura pós-apostólica, quase que em *continuum*, admite na noção de *koinonia* um dos baluartes de sua teologia. Nela, os autores vêm buscar o princípio tradicional que garante a autenticidade da fé vivida comunitariamente. Ainda que o vocábulo não apareça explicitamente nos textos, emerge o sentido abrangente que nele encontra inspiração. Tome-se como exemplo a seguinte afirmação de Clemente Romano escrevendo aos coríntios: “Sabemos que entre nós muitos se entregaram às cadeias, a fim de libertar outros; não poucos se entregaram como escravos e, com o preço da venda, deram alimento a outros” (55,2).

O mesmo sentido é saliente em *Didaqué* 4,8: “Não rejeite o necessitado. Divida tudo com o seu irmão, e não diga que são coisas suas. Se vocês estão unidos (*koinonoi*) nas coisas que não morrem, tanto mais nas coisas perecíveis”. Enfim, digno de

28. BECQUET, G. et al. *A Carta de Tiago*. São Paulo: Paulinas, 1991, p. 90.

nota é o fragmento da carta de Dionísio, bispo de Corinto, enviada à Igreja de Roma na época do papa Sotero (166-175):

Desde o início, tendes o costume de beneficiar de várias maneiras a todos os irmãos e enviar auxílios a muitas Igrejas em cada cidade. Aliviais assim a penúria dos necessitados, sustentais os irmãos que trabalham nas minas por meio de recursos enviados desde o começo. Romanos como sois, mantendes o uso tradicional dos romanos. Vosso bem-aventurado bispo Sotero não somente o conserva, mas estimula, enviando abundantes esmolas aos santos, e consolando com felizes expressões os irmãos que o procuram, conforme um pai ternamente amoroso age para com os filhos”²⁹.

Os testemunhos aduzidos acima, embora breves, denotam a gradual evolução da teologia cristã no séc. II³⁰. Seu ambiente vital é a eclesiologia de comunhão radicada nos Atos dos Apóstolos. Apoiando-se neste paradigma, a Igreja dos primeiros séculos vislumbrou possibilidades de resolução dos problemas surgidos em vários níveis. Pense-se, por exemplo, na crítica do paganismo ilustrado ou na união comunitária durante as perseguições movidas contra os cristãos³¹. Percorrendo as páginas das apologias e dos relatos de martírio, o leitor verá que a *koinonia*, enquanto modo de estabelecer e nutrir relações novas, é frequentemente invocada como legítimo rosto do cristianismo. Reconstruí-la e conservá-la sempre foi e continuará a ser desafio candente para os seguidores de Cristo em todos os tempos, lugares e circunstâncias históricas.

29. EUSÉBIO DE CESAREIA, *Hist. Eccl.* IV, 23,10.

30. Outros testemunhos literários acerca do desdobramento do perfil comunitário de Atos dos Apóstolos na teologia do séc. II são encontrados em: *Didaqué* 4,1-2.8; 6,1; 9,4; 11,4; 14,1; 15,4; 16,2. *Carta de Clemente aos Romanos* 2,4-5; 14,3; 23,1; 34,7; 47,5; 48,1.6; 55,2; 58,1. Cartas de Inácio de Antioquia: *Aos Efésios* 1,2; 4,2; 8,1; 11,2; 13,1; 14,1; 20,2. *Aos Magnésios* 1,2; 6,2; 7,1; 13,1. *Aos Tralianos* 1,1; 12,2; 13,2. *Aos Filadelfenses* 2,1; 6,2; 7,2. *Aos Esmirniotas* 7,2. *A Policarpo* 1,2; 4,2; 6,1. *Carta de Policarpo aos Filipenses* 9,1; 10,1-2.

31. Entre os textos da apologética, destaca-se este fragmento da *Carta a Diogneto* ao apresentar o mistério cristão: “Os cristãos, de fato, não se distinguem dos outros homens, nem por sua terra, nem por língua ou costumes. Com efeito, não moram em cidades próprias, nem falam língua estranha, nem têm algum modo especial de viver. Sua doutrina não foi inventada por eles, graças ao talento e especulação de homens curiosos, nem professam, como outros, algum ensinamento humano. Pelo contrário, vivendo em cidades gregas e bárbaras, conforme a sorte de cada um, e adaptando-se aos costumes do lugar quanto à roupa, ao alimento e ao resto, testemunham um modo de vida social admirável e, sem dúvida, paradoxal. Vivem na sua pátria, mas como forasteiros; participam de tudo como cristãos e suportam tudo como estrangeiros. Toda pátria estrangeira é pátria deles, e cada pátria é estrangeira. Casam-se como todos e geram filhos, mas não abandonam os recém-nascidos. Põem a mesa em comum, mas não o leito; estão na carne, mas não vivem segundo a carne; moram na terra, mas têm sua cidadania no céu; obedecem às leis estabelecidas, mas com sua vida ultrapassam as leis; amam a todos e são perseguidos por todos; são desconhecidos e, apesar disso, condenados; são mortos e, desse modo, lhes é dada a vida; são pobres, e enriquecem a muitos; carecem de tudo, e têm abundância de tudo; são desprezados e, no desprezo, tornam-se glorificados; são amaldiçoados e, depois, proclamados justos; são injuriados, e bendizem; são maltratados, e honram; fazem o bem, e são punidos como malfeitores; são condenados, e se alegrem como se recebessem a vida” (5,1-16).

Considerações finais

À guisa de conclusão faz-se necessário destacar alguns pontos cruciais que envolvem a teologia de At 5,1-11:

1. O relato é parte integrante das narrativas referentes à história da protocomunidade jerosolimitana. Sendo assim, adquire sentido na medida em que é lido sob o signo do modelo comunitário ideal, delineado por Lucas através dos sumários maiores (2,42-47; 4,32-35; 5,12-16).

2. Seu epicentro teológico é a *koinonia*, e o denso significado que o conceito possuiu para a literatura cristã das origens. A *koinonia* é liame, que reproduz em Atos a sensibilidade lucana para com a pobreza já testemunhada no evangelho, mediante o serviço de Jesus aos integrantes da classe social marginalizada e o recorrente emprego do vocábulo *ptochós*, designativo da situação de pobreza absoluta.

3. A releitura da história em chave providencialista também aparece em At 5,1-11. Reconhecendo-se na comunidade cristã ambiente vital da atuação de Deus, uma ação contra ela ou seus representantes converte-se numa atitude contra o próprio Deus. Consequentemente, o crime torna-se passível de punição divina, conforme atestado pelo fim trágico do casal, semelhante ao de outros personagens rivais da mensagem e pregação cristãs.

4. Se a *koinonia* traduz o perfil identitário cristão e define a natureza e o nível de engajamento da rede de relações a serem estabelecidas entre os crentes, ela é, igualmente, princípio hermenêutico que decodifica a trama de At 5,1-11. O desfecho do caso revela que a crise não está na centralidade da narrativa, pois o protagonismo vem ocupado por sua superação atuada pela reafirmação da *koinonia*. Deste modo, superar a crise passa a ser sinônimo de reconstrução da identidade. O vácuo simbolizado pelo problema é supresso pela reaquisição da alvissareira identidade cristã, secundada por elementos já tradicionais na linguagem dos Atos dos Apóstolos, como o papel apostólico, a unidade entre crentes, o crescimento numérico da Igreja e a aprovação popular.

5. Do amálgama entre dramaticidade e pedagogia identificado em At 5,1-11, a comunidade dos crentes jerosolimitanos é, pela primeira vez, definida com o termo *Ekklesia*, substantivo que fez fortuna no vocabulário cristão. Disso, resulta evidente que, no entender de Lucas, o cristianismo é autoconsciente de sua continuidade com a fé de Israel, já que portador do cumprimento, em Cristo morto e ressuscitado, das antigas predições proféticas. Os cristãos sabiam que, em Cristo, foi inaugurado novo modo de relacionamento com Deus, cujos efeitos concretos podiam e deviam ser sentidos na novidade das relações de comunhão a serem cultivadas entre os que partilham a mesma fé.

Bibliografia

ALVES, H. *Documentos da Igreja sobre a Bíblia*. Fátima: Difusora Bíblica, 2011.

- BECQUET, G. et al. *A Carta de Tiago*. São Paulo: Paulinas, 1991.
- BERARDINO, A. (Org.). *Dicionário de patrística e antiguidades cristãs*. São Paulo: Paulus, 2002.
- CARTA a Diogneto. São Paulo: Paulus, 2008.
- CLEMENTE DE ROMA. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulus, 2005.
- DIDAQUÉ. São Paulo: Paulus, 2005.
- BOUDOU, A. *Atti degli Apostoli*. Roma: Studium, 1957.
- DODD, *La predicazione apostólica e il suo sviluppo*, Brescia: Paideia Editrice, 1978.
- DUPONT, J. *Estudos sobre os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Paulinas, 1974.
- _____. *L'union entre les premiers chrétiens dans les Actes des Apôtres*. *Nouvelle Revue Théologique*, Paris, v. 91, n. 9, p. 897-915, nov. 1969.
- ECHEGARAY, J.G. *Los Hechos de los Apóstoles y el mundo romano*. Navarra: Verbo Divino, 2002.
- EUSÉBIO DE CESAREIA. *História Eclesiástica*. São Paulo: Paulus, 2008.
- FITZMYER, J. *Los Hechos de los Apóstoles*. Salamanca: Sígueme, 2003.
- INÁCIO DE ANTIOQUIA. *Carta aos Esmirnenses*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Carta aos Efésios*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Carta aos Filadelfienses*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Carta aos Magnésios*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Carta aos Romanos*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Carta aos Tralianos*. São Paulo: Paulus, 2005.
- _____. *Carta a Policarpo*. São Paulo: Paulus, 2005.
- IRÉNÉE DE LYON. *Contre les Hérésies*. Livre I. Paris: Du Cerf, 1979.
- KAUTSKY, K. *A origem do cristianismo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- MARGUERAT, D. *A primeira história do cristianismo: os Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Loyola, 2003.
- MARSHAL, H. *Atos dos Apóstolos*. São Paulo: Vida Nova, 2011.
- MENOUD, P. *La vie de l'Église naissante*. Paris: Delachaux & Niestlé, 1952.
- POLICARPO DE ESMIRNA. *Carta aos Filipenses*. São Paulo: Paulus, 2005.
- ROCHA, V. A canonização dos escritos apostólicos. *Revista de interpretação bíblica latino-americana*, Petrópolis, n. 43, p. 60-71, fev./mar. 2002.

SÃO JERÔNIMO. *Libro de los claros varones eclesiásticos*. Madrid: BAC, 2002.

SCHNEIDER, G. *Gli Atti degli Apostoli*. Brescia: Paideia Editrice, 1985, v. 1.

SPINETOLI, O. *Luca: Il vangelo dei poveri*. Assisi: Cittadella, 1986.

STEGEMANN, E.; STEGEMANN, W. *História social do protocristianismo: os primórdios no judaísmo e as comunidades de Cristo no mundo mediterrâneo*. São Paulo: Paulus, 2004.

Alfredo Rafael Belinato Barreto
Rua Holanda, 110 – Centro
86181-230 Cambé, PR
alfredobelinato@yahoo.com.br